

Análise da necessidade de captação de recursos em uma empresa de serviços educacionais¹

Arthur Mansur Branco Uchôa Lopes²

Prof. MSc, Joana Darc Medeiros Martins³

RESUMO

O caso apresenta a situação de uma empresa de serviços educacionais, que é surpreendida com um súbito aumento de demanda. Como decorrência desse aumento, o colégio necessita de uma ampliação do número de salas, ocasionando assim, reflexos na administração financeira da empresa, pois a mesma tem de buscar capital para a construção das salas. Sendo o tempo de captação de recursos um fator primordial, pois a obra deve ser realizada em um curtíssimo prazo, as opções de captação de recurso são apresentadas e devem ser avaliadas, a fim de escolher a melhor delas. O caso pode ser utilizado em cursos de graduação ou de pós-graduação, em disciplinas que tenham como objetivo estimular discussões sobre o processo decisório de alternativas financeiras.

Palavras-chave: finanças; decisões financeiras.

ABSTRACT

This is a case study of the financial situation of an enterprise in the educational sector which has an abrupt demand growing. As a result of this increase, the college needs a larger number of rooms, causing, reflected in the financial management of the company, because it has to get capital to build the rooms. And the time is major factor to loan, because the work must be done in a very short time, the capture options are presented for appeal and must be evaluated in order to choose the best one. The case can be used in post-graduation or graduate, in courses that aim to stimulate discussions about the decision making process of financial alternatives.

Key words: finances; financial decision-making.

¹ Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação de MBA em administração financeira da FARN

² Aluno da disciplina trabalho final

³ Professor orientador do trabalho

Introdução:

Era dia 15 de dezembro de 2009, Gabriela, gerente administrativo-financeira do colégio de grande porte decidiu chegar às 07h30min no trabalho, já que era o primeiro dia de matrícula. Quando chegou, o tamanho da fila denunciava que a demanda seria grande.

Inicialmente Gabriela sentiu alívio, uma vez que a demanda inicial de alunos reflete diretamente as receitas do ano todo, visto que durante o ano letivo quase não existe alteração do número de alunos.

Contudo, no decorrer do dia ela percebeu que o número de matrículas estava muito elevado, o que poderia ocasionar um problema, caso a demanda fosse maior do que a capacidade instalada da escola.

O problema

A preocupação de Gabriela fez sentido no quinto dia de matrícula, quando Thaiza, a secretária da escola, chamou Gabriela para uma breve reunião. Thaiza informou que a totalidade das vagas havia sido preenchida e ainda existiam muitos alunos inscritos em um cadastro de espera por novas vagas. Sendo assim, a secretária tinha que começar a informar aos pais se haveriam vagas, para seus filhos ou não, portanto Gabriela teria que analisar a viabilidade da construção de novas salas.

Então Gabriela solicitou a diretora, Tereza Carla, uma reunião para tratar do assunto. Nesta, decidiu-se que as turmas onde as reservas atingissem 50% da capacidade de uma turma até o dia 10 de Janeiro de 2010, seriam abertas novas turmas. Onde as reservas não atingissem esse percentual, os pais deviriam ser informados da ausência das vagas no mesmo dia.

O número de alunos no cadastro de espera não parou de aumentar, então chegou o esperado dia 10, o dia de colocar o número de cadastros na ponta do lápis e tomar uma decisão. Para surpresa de Gabriela, o número de alunos no cadastro era 50% do total de alunos já matriculados, então a decisão ficou ainda mais difícil, já que o valor para a realização da expansão era bastante significativo.

Naquela noite, Gabriela não dormiu, ela estava diante de uma decisão administrativo-financeira muito difícil, que mesmo exercendo essa função há 7 anos na escola, ela nunca tinha se deparado com algo desse porte.

Na manhã seguinte, Gabriela convocou uma reunião urgente com a diretora, onde foi apresentado o problema que enfrentava e também mostrada às alternativas por ela vislumbradas com o intuito de encontrar a melhor delas.

Então Gabriela falou: "O grande problema é que nós só soubemos da nossa demanda hoje e as aulas terão início em 30 dias. Eu fiz os cálculos de quantas salas teremos que construir de acordo com os parâmetros utilizados na nossa reunião anterior, sendo assim a escola terá que construir 15 salas a um custo médio de 100 mil cada e terminar em apenas 30 dias".

Como alternativas, ela sugeriu:

- Manter o número de alunos já matriculados;
- Utilizar a aplicação que a empresa possui;
- Fazer um empréstimo junto ao Banco do Nordeste;
- Fazer um empréstimo junto ao Banco Real.

Então, depois de muita discussão, elas chegaram ao consenso de que:

Se elas optassem por manter o número alunos matriculados, elas não precisariam se preocupar com dinheiro para a construção de novas salas, em contrapartida a empresa perderia a oportunidade de crescer e teria sua imagem institucional manchada.

Por outro lado, se elas utilizassem o dinheiro que estava aplicado, elas conseguiriam realizar a obra em pouco tempo e a empresa iria crescer, no entanto perderia liquidez, ficando sem nenhuma reserva para possíveis eventualidades.

Caso elas pegassem um empréstimo junto ao Banco do Nordeste para construção, elas não perderiam a liquidez e ainda haveria a possibilidade da empresa se desenvolver pagando juros baixos. Contudo, existe uma grande possibilidade do empréstimo demorar a sair, devido à grande burocracia existente, o que inviabilizaria o término da obra antes do início do ano letivo.

E ainda se resolverem fazer o empréstimo junto ao Banco real, elas conseguiriam realizar a obra em pouco tempo e ainda não perderiam a liquidez dando a empresa possibilidade se desenvolver. Contudo, os juros serão mais elevados e o prazo será menor, o que ocasionara um maior desembolso mensal.

Os números

Gabriela não perdeu tempo e imediatamente fez contato com os bancos para que pudesse indicar a melhor opção.

Como era de se esperar o banco real mandou a resposta no mesmo dia, nela o gerente comercial, José Hermano Carvalho, informou os documentos necessários, que eram poucos e o valor mensal de juros, que foi de exatos 0,8% ao mês.

Já o Banco do Nordeste demorou dois dias para enviar a resposta, nela foi informava que a taxa média de juros para a construção é de 8% ao ano, e que necessário apresentar uma extensa documentação como alvarás de funcionamento, balanço patrimonial do exercício 2009, entre outros. Para piorar o crédito não era garantido, ou seja, o colégio podia perder tempo para conseguir os documentos e depois esperando a resposta e mesmo assim não conseguir o dinheiro. O que inviabilizaria a construção e causaria um transtorno com os clientes matriculados

Gabriela então enviou um e-mail com o balanço patrimonial em anexo e informou que as despesas bancárias no ano de 2009 haviam sido de apenas 63.546,36.

ATIVO	10.304.452,91
CIRCULANTE	4.531.856,41
Disponível	2.091.253,70
Clientes	318.176,89
Créditos	2.060.766,00
Estoques	29.282,69
Despesas Antecipadas	32.377,13
ATIVO REALIZÁVEL A LONGO PRAZO	332.010,00
Créditos	332.010,00
NÃO CIRCULANTE	5.440.586,50
Investimentos	324.585,94
Imobilizado	5.032.847,07
Intangível	83.153,49
PASSIVO	10.304.452,91
Passivo Circulante	1.948.395,55
Exigibilidades	1.948.395,55
PASSIVO NÃO CIRCULANTE	869.250,66
RESULTADO DE EXERCÍCIOS FUTUROS	869.250,66
PATRIMÔNIO LÍQUIDO	7.486.806,70
LUCRO LÍQUIDO	2.644.337,82
CAPITAL SOCIAL	4.842.468,88

RECONHECEMOS A EXATIDÃO DO PRESENTE BALANÇO GERAL
TOTALIZANDO NO ATIVO E PASSIVO: R\$ 10.304.452,91

NATAL, 01 de Janeiro de 2010

Tereza Carla da Silva
Diretora

João de Deus
Contador - CRC 12124

A decisão

O Tempo estava passando e uma decisão tinha que ser tomada, Gabriela já havia buscado as soluções que o mercado oferece, para encontrar a melhor delas, ela decidiu responder algumas questões antes de levar a solução à direção:

- a) Quais os índices de Liquidez corrente e seca (reduzida) da empresa?
- b) Como se comporta a estrutura financeira da empresa no exercício de 2009?
- c) A rentabilidade da empresa é boa?
- d) Qual alternativa você considera mais apropriada?

NOTAS DE ENSINO

Fonte de Dados

Este caso relata uma situação real, ocorrida no início do ano de 2010, numa empresa da área de serviços educacionais. As situações apresentadas são fieis à realidade pesquisada. Os dados primários foram obtidos através da observação e de entrevistas com as gestoras.

Sugestão para discussão do caso

O caso pode ser utilizado em cursos de graduação ou pós-graduação, em disciplinas da área financeira. Os alunos são convidados a imaginar a situação da empresa e analisar as alternativas propostas para a tomada de decisão. A ênfase é dedicada ao cálculo do custo de capital nas diferentes propostas de captação de recursos, bem como suas consequências para o fluxo de caixa da empresa no período analisado. O professor pode, ainda, trabalhar questões relacionadas ao mercado de capitais e conceitos utilizados no mercado financeiro.

Abordagem de Ensino

Recomenda-se que o caso seja utilizado como recurso didático para aulas cujos temas centrais como estes: custo de capital, alternativas de captação de recursos, capital de giro e tomada de decisões. É fundamental que os alunos tenham noções adequadas sobre capital de giro, matemática financeira, gestão do ciclo financeiro e de alternativas de captação de recursos no mercado financeiro. Sugere-se que tais conceitos sejam discutidos previamente e revisados antes da apresentação do caso.

SUGESTÃO DE RESPOSTA

Índice de liquidez corrente é dado por: **Ativo circulante / passivo circulante**.

Já o Índice de liquidez seca (reduzida) é **Ativo (circulante - estoques) / passivo circulante**.

Portanto o Índice de liquidez corrente é: **4.531.856,41/1.948.395,55** o que resulta em um **índice de 2,32**.

E o Índice de liquidez reduzida é **(4.531.856,41 - 29282,69)/1.948.395,55** o que resulta em um **índice de 2,31**.

Podemos então dizer que a liquidez é muito boa e que a variação do entre os índices foi muito pequena por se tratar de uma empresa de serviços que possui pouco estoque.

Em relação à estrutura financeira da empresa, podemos obtê-la utilizando o índice da independência financeira, que é dado por: **Patrimônio líquido / Passivo**

Portanto o Índice da independência financeira **7.486.806,70/ 10.304.452,91** o que resulta em um **índice de 0,72**.

Podemos então afirmar que a empresa possui 72% do seu capital proveniente do investimento dos sócios, portanto tem um baixo grau de endividamento.

Os índices de liquidez da empresa são: Rentabilidade sobre o Investimento, o ROI, e Rentabilidade sobre o Patrimônio, ROE. O ROI é **lucro líquido/ Patrimônio líquido** e o ROE é **(Lucro líquido + Despesas financeiras)/Ativo**.

Portanto o ROI é igual a: **2.644.337,82/7.486.806,70= 0,35** enquanto o ROE é igual a: **(2.644.337,82+63.546,36) /10.304.452,91= 0,26**.

Pode-se observar que a empresa possui uma boa rentabilidade uma vez que o ROI foi de 35% e o ROE foi de 26%.

Chegamos à conclusão de que a empresa possui poucos financiamentos, o que lhe propicia uma boa estrutura financeira, a liquidez é alta, o que demonstra a capacidade de pagar suas obrigações. E, além disso, existe uma elevada rentabilidade, que demonstra a viabilidade de realizar e de pagar o empréstimo, no entanto, o fato do ROI ser maior que o ROE indica que os empréstimos são maléficos a essa empresa, sendo assim devemos evitá-los, uma vez que possuímos recursos suficientes para a construção das salas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Austin. (2007). *Escala de notas rating corporativo*. Recuperado em 12 junho, 2007, de <http://www.austin.com.br/Escalas/Empresas.aspx>

BIBLIOGRAFIAS RECOMENDADAS

Rating:

Austin. (2007). *Escala de notas rating corporativo*. Recuperado em 12 junho, 2007, de <http://www.austin.com.br/Escalas/Empresas.aspx>

Capital de giro:

Assaf, A., Neto, & Silva, C. A. T. (2002). Fluxos de caixa. In A. Assaf Neto, & C. A. T. Silva (Eds.). *Administração do capital de giro* (pp. 35-52). São Paulo, SP: Atlas.

Assaf, A., Neto, & Silva, C. A. T. (2002). Introdução à administração do capital de giro. In A. Assaf Neto, & C. A. T. Silva (Eds.). *Administração do capital de giro* (pp. 13-34). São Paulo, SP: Atlas.

Brigham, E. F., & Houston, J. F. (1999). Administração dos ativos circulantes. In E. F. Brigham, & J. F. Houston (Eds.). *Fundamentos da moderna administração financeira* (PP. 560-604). Rio de Janeiro, RJ: Campus.

Brigham, E. F., & Houston, J. F. (1999). Projeções financeiras. In E. F. Brigham, & J. F. Houston (Eds.). *Fundamentos da moderna administração financeira* (pp. 530-559). Rio de Janeiro, RJ: Campus.

Groppelli, A. A., & Nikbakht, E. (1998). Financiamento do capital de giro. In A. A. Groppelli, & E. Nikbakht (Eds.). *Administração financeira* (pp. 381-394). São Paulo, SP: Saraiva.

Matemática financeira/Sistemas de amortização:

Souza, A., & Clemente, A. (1999). Revisão de matemática financeira. In A. Souza, & A. Clemente (Eds.). *Decisões financeiras e análise de investimentos* (pp. 33-50). São Paulo, SP: Atlas.

Souza, A., & Clemente, A. (1999). Sistemas de amortização. In A. Souza, & A. Clemente (Eds.). *Decisões financeiras e análise de investimentos* (pp. 51-58). São Paulo, SP: Atlas.

Gestão do ciclo financeiro:

Droms, W. G., & Procianoy, J. L. (2002). Decisões de capital de giro. In W. G. Droms, & J. L. Procianoy (Eds.). *Finanças para executivos não financeiros* (4a ed., pp. 149-162). Porto Alegre, RS: Bookman.

Gitman, L. J. (2004). Capital de giro e gestão de ativos circulantes. In L. J. Gitman (Ed.). *Princípios de administração financeira*. (10a ed., pp. 616-661). São Paulo, SP: Harbra.

Alternativas de captação de recursos no mercado financeiro:

Fortuna, E. (1998). Mercado bancário. In E. Fortuna (Ed.). *Mercado financeiro: produtos e serviços*. (11a ed., pp. 137-373). Rio de Janeiro, RJ: Qualitymark.